



# Dissonância

*revista de teoria crítica*

ISSN: 2594-5025

Instituto de Filosofia e Ciências Humanas

Universidade Estadual de Campinas

[www.ifch.unicamp.br/ojs/index.php/teoriacritica](http://www.ifch.unicamp.br/ojs/index.php/teoriacritica)

<b>Título</b>	O anticapitalismo de Adorno. Entre o marxismo e as novas leituras de Marx
<b>Autor/a</b>	Amaro Fleck
<b>Tradutor/a</b>	
<b>Fonte</b>	<i>Dissonância: Revista de Teoria Crítica</i> , v.3 n.2, Dossiê Theodor W. Adorno, 2º semestre de 2019, pp. 151-179.
<b>Link</b>	<a href="https://www.ifch.unicamp.br/ojs/index.php/teoriacritica/workflow/index/3954">https://www.ifch.unicamp.br/ojs/index.php/teoriacritica/workflow/index/3954</a>

Formato de citação sugerido:

FLECK, Amaro. “O anticapitalismo de Adorno. Entre o marxismo e as novas leituras de Marx”. *Dissonância: Revista de Teoria Crítica*, v. 3 n. 2., Dossiê Theodor W. Adorno, 2º semestre de 2019, pp. 151-179.

# O ANTICAPITALISMO DE ADORNO

Entre o marxismo e as novas leituras de Marx

Amaro Fleck<sup>1</sup>

## RESUMO

É ponto de disputa se Adorno permaneceu sendo um teórico anticolonialista em sua obra tardia. Enquanto parte da literatura argumenta que ele deixou de ser um crítico da economia política para passar a ter por alvo a dominação da natureza, e com isso teria deixado de criticar o capitalismo para passar a criticar a civilização, outra parte insiste que sua obra tardia segue tendo por alvo o capital, e deve ser compreendida como um esforço em alguma medida revolucionário para a superação deste modo de produção, tal como usual nos mais distintos marxismos. O presente artigo busca desenvolver uma interpretação alternativa, de acordo com a qual Adorno segue sendo um anticolonialista, mas que rompe com o marxismo tradicional, tanto por causa de sua forma de ler a obra tardia marxiana (que se aproxima muito das Novas leituras de Marx), quanto por seu diagnóstico de época, centrado no bloqueio dos processos de emancipação devido à

---

<sup>1</sup> Professor do Departamento de Filosofia da Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG. E-mail: amarofleck@hotmail.com

integração do proletariado e à intensificação da dominação por meio da indústria cultural e da concentração do poder.

## PALAVRAS-CHAVE

Adorno; Marx; Dialética; Novas Leituras de Marx

---

# ADORNO'S ANTI-CAPITALISM

## Between Marxism and the New Marx Reading

### ABSTRACT

It is controversial whether Adorno remained an anti-capitalist theorist in his later work. Part of the literature claims that he shifted from being a critic of political economy to being a critic of the domination of nature, and thereby ceased to criticize capitalism to criticize civilization, another argues that his late work continues to target capitalism, and must be understood as an effort to some extent revolutionary to overcome this mode of production, as usual in different Marxisms. This paper seeks to develop an alternative interpretation, according to which Adorno remains an anti-capitalist, but who breaks with traditional Marxism, both because of his way of reading the late Marxian work (which comes very close to New Marx Reading) and because of his diagnosis, centered on the blockade of emancipation processes due to the integration of the proletariat and the intensification of domination through the cultural industry and of the concentration of power.

### KEYWORDS

Adorno; Marx; Dialectics; New Marx Reading

---

A recepção da obra tardia adorniana foi fortemente influenciada pela interpretação feita por Martin Jay (2008 [1973]) e por Jürgen Habermas (2012 [1981]) de que teria havido, notadamente na *Dialética do esclarecimento*, uma mudança no alvo da própria teoria crítica: agora não se trataria mais de criticar o modo de produção capitalista e a economia política; mas sim de denunciar toda a civilização ocidental por causa da dominação da natureza que oprime tanto o exterior quanto o interior dos indivíduos humanos. Jay considerou tal mudança como um ganho do pensamento adorniano, algo que o aproximava das teorias francesas em voga. Habermas, pelo contrário, sugeriu que esta transformação teórica minava todo potencial crítico existente no primeiro momento da teoria crítica frankfurtiana (da década de 1930), caracterizado como uma espécie de materialismo interdisciplinar. Ambos concordam, no entanto, que esta guinada teria selado o destino da obra posterior do autor. Nos últimos trinta anos, porém, esta leitura perdeu força: tanto pelas diversas críticas feitas a ela quanto pelo aparecimento de farto material (cartas, cursos, manuscritos) que reforçam os elementos claramente anticapitalistas já abundantes no material anteriormente publicado.<sup>2</sup>

Não obstante, a insistência no anticapitalismo adorniano permite interpretações divergentes. Parte delas aproxima Adorno do marxismo tradicional, em especial pela forma como se compreende o capitalismo, sua superação e sua dialética.

---

<sup>2</sup> Um dos marcos de tal guinada interpretativa é o “Back to Adorno” de Robert Hullot-Kentor, publicado em 1989. Eu analiso em pormenores a interpretação de Jay e Habermas e elenco parte de suas fraquezas em Fleck (2016).

Repaginado ou não com um sotaque pós-estruturalista francês, estas interpretações argumentam que Adorno seria basicamente um leninista equivocado: alguém engajado na superação revolucionária do modo de produção capitalista, com uma teoria da emergência de um novo sujeito político, mas incapaz de perceber que este sujeito não é anterior à luta na qual ele mesmo se constitui.<sup>3</sup> No presente artigo busco oferecer uma alternativa a esta aproximação,<sup>4</sup> indicando como a leitura bastante peculiar que Adorno faz da crítica da economia política marxiana (portanto, da obra tardia de Marx, notadamente de *O Capital* e dos manuscritos preparatórios a ele – em especial os *Grundrisse*) somada a sua análise das tendências sociais em curso que geravam um diagnóstico de bloqueio de processos emancipatórios, seja por causa da integração do proletariado, seja por causa da intensificação da dominação causada pela indústria cultural e pela concentração do poder político e econômico, resulta no início de um processo de renovação do anticapitalismo, tanto ao vislumbrar a emancipação como uma libertação do trabalho, quanto ao perceber o esgotamento da capacidade de transformação radical contida no movimento

---

<sup>3</sup> Esta é, basicamente, a posição de Zanotti (2017) e Safatle (2019). Safatle argumenta que Adorno, nos anos sessenta, ignorava a aliança entre operários e estudantes na Itália e na França, e que, portanto, sua reação aos protestos foi inteiramente marcada por um diagnóstico paroquial. Como se trinta anos de pesquisas empíricas nos dois lados do Atlântico, analisando a consciência de classe e as tendências autoritárias latentes na população, não fossem suficientes para fazer uma constatação mais ou menos óbvia que servisse também para o outro lado do Reno ou dos Alpes: de que os operários não estavam mais em uma situação na qual nada tinham a perder, não se encontravam mais no limbo da extraterritorialidade e, portanto, não se arriscariam em aventuras realmente revolucionárias.

<sup>4</sup> Não estou sozinho em tal empreitada: recupero aqui elementos diversos contidos, entre outros, nos trabalhos de Maiso (2010), Braunstein (2011) e de Caux (2019).

operário e na luta de classes (mais precisamente, no antagonismo entre trabalho e capital).

De acordo com a interpretação aqui proposta, um dos trunfos da teoria de Adorno, e que confere a ela interesse para a situação na qual nos encontramos, é sua recusa diante da alternativa infernal na qual ou bem se abandona qualquer projeto ou esperança de uma transformação da própria estrutura socioeconômica da sociedade (como ocorre no pensamento tardio de Horkheimer e de Habermas) ou bem se espera que esta transformação possa se dar aqui e agora, da forma mais tradicional possível (uma revolução, a tomada violenta do poder político e, oxalá, também dos meios de produção), vinda do agente mais usual (o proletariado), hipostasiando uma escolha que sequer em 1848 deu certo, embora naquele momento fatores objetivos permitissem acreditar no êxito de tal opção. Há certo fatalismo aqui: a ausência de alternativa não torna a realidade melhor, muito pelo contrário, só reforça a situação de não liberdade. Ainda que não possa haver uma superação possível em curto prazo, não há motivos para passar a gostar do curso do mundo. Isto passa longe da resignação, mas também longe do consolo que consiste em se contentar com sua capacidade de fantasiar outros mundos. Em outras palavras, Adorno vivencia uma situação que é mais ou menos a seguinte: uma conciliação forçada que sustenta o *Welfare State*, que gera uma integração que aparenta ser estável apesar de todo o sofrimento que produz, de toda a falta de liberdade que acarreta, e que começa a mostrar suas fissuras. A própria condição para a manutenção desta suposta estabilidade é a produção da aniquilação da socie-

dade: que na década de sessenta consistia na corrida armamentista nuclear (e que hoje seria vista como uma espécie de brincadeira infantil quando comparada com a catástrofe climática que começamos a vivenciar). Por isso se trata de um impasse: é preciso sair o mais rápido possível de um sistema econômico que destrói as condições da preservação da própria vida, mas as saídas estão todas bloqueadas (impasse que persiste cinco décadas depois, e que torna o texto adorniano tão presente).

Aqui é preciso frisar uma distinção: uma coisa é afirmar que Adorno almeja a superação do modo de produção capitalista, que ele o vê por um lado como obstáculo para uma vida emancipada, liberta, e por outro como um sistema econômico contraditório e que, portanto, não poderá durar para sempre. Outra é elaborar ou defender uma estratégia para contribuir com a derrubada de tal modo de produção. As estratégias podem ser as mais diferentes: ou uma revolução que finda o capitalismo e funda uma nova forma de socialização, como um *evento* inteiramente transformador (a tomada do poder político; a ocupação das fábricas); ou reformas graduais que alteram aos poucos a sociedade e, enquanto *processo*, terminam por transformar radicalmente a sociedade (um sistema de reforma radical social-democrata; alterações na própria tecnologia de produção que suprimam a escassez e assim levem a abolição do mercado); ou ainda uma decadência da capacidade de valorização do capital, a exaustão dos recursos naturais necessários para manter o sistema econômico funcionando, a impossibilidade de manter os indivíduos engajados no processo de valorização que cada vez mais prescinde deles, seja como um evento,

*colapso*, seja como um processo, *declínio*, sem que esta atrofia dê origem automaticamente a outra forma de socialização e criando assim uma situação de anomia que pode ser mais ou menos passageira, alternativa esta que não carece da contribuição de um sujeito revolucionário e que sequer seria comemorada (pois em um pós-capitalismo assim a vida dificilmente seria mais liberta ou emancipada do que no modo de produção capitalista, mas neste caso específico tampouco ficar no capitalismo é solução, pois é a sua própria dinâmica que resulta nesta situação). A posição de Adorno é claramente anticapitalista: ele deseja o fim deste modo de produção. A estratégia é oscilante: a única coisa que se pode afirmar com certeza é que ela não seria revolucionária no curto prazo (pois estratégias dependem de diagnósticos, de leituras da situação vigente, e esta impede o sucesso da estratégia revolucionária); mas não se pode descartar o interesse em um evento transformador futuro (Adorno (2009: 293) observa, no entanto, “que aquele que se embriaga como espectador com batalhas, revoluções e catástrofes silencia quanto a se a libertação, da qual ele fala de modo burguês, não deveria se libertar destas categorias”).

O impasse entre a recusa ao abandono da esperança de transformação estrutural da sociedade e a igual recusa ao desespero de tentar fomentar processos de emergência em tempos de latência do fascismo, quando estão ausentes as condições objetivas duma transformação libertadora, leva Adorno a oscilar entre três vetores: uma expectativa genuína em uma situação vindoura que torne possível outra vez uma mudança social radical (seja ela reformista ou revolucionária); um com-



promisso com pequenas alterações no presente que atenuem os sofrimentos sociais e impeçam o fortalecimento de tendências autoritárias ou fascistas; um lamento não conformista que percebe o bloqueio da libertação somado com danos irreversíveis: seja em relação à natureza, seja em relação à concentração de poder existente na economia política do capitalismo tardio (há quem controle a bomba, e não serão barricadas que impedirão tais indivíduos de controlá-la). Ainda que este tensionamento não seja imune de contradições, e embora ele crie incoerências e armadilhas, é dele que surge boa parte da fecundidade do pensamento adorniano tardio; buscar solucioná-lo por meio da escolha unilateral de um polo em detrimento dos demais só serve para converter em ferramenta justamente o que resiste aos processos ubíquos de instrumentalização e catalogação.

Adiantada a conclusão do artigo, esmiúço seu desenvolvimento. Começo por resgatar a argumentação de Elbe sobre as três formas de se ler Marx (o marxismo, os marxismos ocidentais e as Novas leituras); para, a seguir, esboçar uma muito breve introdução sobre as Novas leituras de Marx e, então, contrastar a leitura de Adorno com ela. Com isto tento mostrar as peculiaridades da exegese adorniana de Marx e o impacto que ela tem na sua própria teoria. Minha tese é que da soma de uma leitura singular da obra tardia marxiana com a percepção de uma série de transformações sociais (que apenas menciono) resulta o início de um processo de renovação do anticapitalismo, de um anticapitalismo que, ao menos em parte, é o adequado para o nosso tempo (de expectativas decrescentes e de iminência de anomias cada vez maiores, em vez da “era dou-

rada” na qual, depois da “era das catástrofes”, viveu o autor que é aqui comentado).

## **Marxismo tradicional e marxismos ocidentais**

Ingo Elbe (2012 e 2013) oferece um esquema bastante pertinente para compreender as principais formas como Marx foi lido. De acordo com ele, em um primeiro momento havia um marxismo no singular (que também pode ser chamado de ‘marxismo tradicional’), com a interpretação predominante da obra de Marx sendo diretamente enviesada para os interesses político-partidários do momento (momento este que inicia com a publicação do *Anti-Duhring*, de Engels (1878 – motivo pelo qual o próprio Elbe apelida o marxismo de ‘engelsismo’) e finda com o surgimento do marxismo ocidental com a publicação de *História e consciência de classe*, de Lukács, e de *Marxismo e filosofia*, de Korsch, ambos em 1923). Esta interpretação foi sistematizada e elevada à doutrina por Engels e por Kautsky, e depois transformada no marxismo-leninismo. Ela pode ser resumida em três traços principais: 1) A tendência ontológico-determinista: o materialismo dialético é compreendido como uma ontologia geral, capaz de apreender tudo o que devém, que tem um caráter transitório, em vez de estático; além disso, o marxismo é compreendido como uma visão de mundo abrangente e contemplativa, feita pela perspectiva do proletariado; 2) A interpretação historicista do método formal-genético: o método dialético seria tanto histórico como lógico, de forma que o desenvolvimento conceitual acompanharia a evolução

histórica (assim a circulação simples de mercadorias seria historicamente anterior à circulação do dinheiro como capital, por exemplo), o que solapa a teoria do valor marxiana; e sua conclusão determinista, que consiste em dizer que logicamente o antagonismo vigente vai se resolver com a transformação vindoura e inexorável; e 3) A crítica do conteúdo do Estado: o Estado é visto como o capitalista real total, como a unificação da classe capitalista (portanto, como entidade capitalista mais do que como seu balcão de negócios), como aquilo que precisaria ser apropriado para superar o capitalismo.

Ainda de acordo com Elbe, os marxismos ocidentais surgem da crise do movimento operário ocorrida ao longo da Primeira Guerra Mundial. Na obra *História e consciência de classe*, de Lukács, ficam claras as divergências frente ao marxismo anterior: é posta em questão a unidade teórica entre os escritos de Marx e os de Engels; abandona-se qualquer concepção que estende a dialética à natureza e a teoria marxiana é compreendida como um pensamento da práxis social, em vez de simples contemplação do porvir revolucionário. Os marxismos ocidentais, muito distintos entre si, não são meras doutrinas oficiais de partidos, mas uma corrente de pensamento crítica que reivindica o legado de Marx. Ele abandona ainda, em especial nos *Cadernos do cárcere*, de Gramsci, a fixação com a estratégia revolucionária que tem por modelo a Revolução de outubro de 1917. No entanto, Lukács e Gramsci partilham do estatuto epistemologicamente privilegiado do proletariado que faz com que ele seja a classe revolucionária. O que deixa de acontecer com Horkheimer e a teoria crítica frankfurtiana:

A consciência de classe empírica do proletariado como a única consciência de classe existente é sujeita à análise, enquanto as dimensões ‘irracionais’, emotivas da práxis social, ignorada pelos demais teóricos, tal como a dimensão social da libido, são considerados. Esta percepção teórica da natureza intransigente da teoria crítica é ao mesmo tempo uma admissão do processo histórico de uma crescente lacuna entre teoria emancipatória e a perspectiva da práxis revolucionária (Elbe 2013).

Em suma, os marxismos ocidentais mesmo em suas divergências convergem para certos pontos em comum: a análise do legado hegeliano e do potencial crítico-humanista da obra de Marx; a preocupação com a metodologia; a relação entre a esfera cultural e o fracasso das revoluções; além disso, negligenciam os problemas políticos e da teoria do Estado e recebem de forma seletiva a teoria do valor de Marx.

### **As novas leituras de Marx**

O termo “*Marx Neue-Lektüre*” (Nova leitura de Marx) foi utilizado pela primeira vez em 1978, por Hans-Georg Backhaus, para designar a interpretação da obra marxiana feita por ele mesmo, em companhia de Helmut Reichelt e Alfred Schmidt, iniciada quinze anos antes (Bellofiore e Redolfi Riva 2015: 35). Em 1963, Backhaus encontrou uma cópia da primeira edição de *O Capital*, na biblioteca de uma moradia estudantil em Frankfurt (Bellofiore e Redolfi Riva 2015: 25). Há diferenças significativas entre a primeira edição, publicada em 1867, e a segunda, canônica, de 1873, em especial no que se refere à teoria do

valor (o primeiro capítulo foi quase todo reelaborado).<sup>5</sup> A partir desta redescoberta, Backhaus iniciou o trabalho de cotejo entre as duas edições, algo que iluminou alguns pontos obscuros da teoria do valor de Marx, assim como de sua apropriação da dialética hegeliana. Em 1965, Backhaus apresentou as linhas gerais de sua pesquisa no seminário avançado (*Oberseminar*) dirigido por Adorno. Em 1969, publicou o artigo *Zur Dialektik der Wertform* (Sobre a dialética da forma-valor) no qual desenvolve os pontos centrais da nova interpretação (Bellofiore e Redolfi Riva 2018: 386).

O artigo de Backhaus já começa pela observação de que a teoria do valor de Marx aparece “grosseiramente simplificada” e “completamente deformada” na literatura secundária que trata do assunto, a tal ponto que a teoria de Marx é identificada com a teoria clássica do valor trabalho. Assim, seu artigo assume a função de mostrar os diversos pontos em que estas duas teorias se diferenciam, a saber: 1) Marx não oferece uma teoria econômica, e sim uma crítica da economia; 2) a economia clássica não investiga a forma do valor, e, por conseguinte, não entende o caráter histórico e transitório do modo de produção capitalista; 3) na teoria do valor trabalho a substância do valor é o trabalho, na da forma-valor é o trabalho abstrato; 4) a teoria

---

<sup>5</sup> Como observa Heinrich: “Os primeiros capítulos tratam da conexão entre valor, trabalho e dinheiro. Marx se ocupou deste problema fundamental para a crítica da economia política reiteradas vezes. Aparece no começo dos *Grundrisse* (1858/9), constitui o conteúdo da *Contribuição à crítica da economia política* (1859) e se encontra na primeira edição de *O Capital* (1867), sendo consideravelmente revisto para a segunda edição (1872/3). Estas distintas versões não são simples repetições, pois em suas diferenças se expressa em parte um progresso teórico, em parte ocorrem por conta de simplificações problemáticas, e em parte muda o centro de gravidade correspondente” (2011: 11).

do valor trabalho é pré-monetária, a teoria da forma-valor é monetária. A isto Backhaus acrescenta uma quinta observação: a dialética em *O Capital* é inteiramente lógica, não histórica. É preciso examinar isto de modo mais minucioso:

1) O primeiro traço distintivo da Nova leitura de Marx frente ao marxismo ocidental é a ênfase sobre o projeto marxiano de oferecer uma crítica da economia política, em vez de uma economia política alternativa. Assim, se o marxismo ocidental costumou interpretar *O Capital* como uma teoria econômica que teria sido escrita a partir da perspectiva dos trabalhadores (e que, portanto, denuncia a exploração do trabalho contida na obtenção de mais-valor, em vez de legitimá-la), a Nova leitura vai ressaltar que *O Capital* não busca construir uma teoria econômica, mas mostrar como a própria pretensão de tal teoria está vinculada a um tipo de sociedade muito específico no qual o trabalho assume a forma padrão de trabalho assalariado e seu produto o de mercadoria. Se a ciência econômica burguesa era capaz de mostrar como a sociedade estava estruturada, a crítica da economia será capaz de mostrar que tal estrutura é dinâmica e transitória, desnaturalizando a formação social existente e mostrando que ela é apenas uma dentre muitas formações históricas contingentes.<sup>6</sup>

2) Até a Nova leitura não havia um esforço sistemático de diferenciar a teoria da forma valor de Marx das teorias clássicas do valor trabalho, cuja melhor expressão se encontra em

---

<sup>6</sup> Este ponto já está inteiramente adiantado no seminário de Adorno de 1962. Cf. Backhaus 1997.

Ricardo.<sup>7</sup> A teoria do valor trabalho é estática, valeria para a troca de equivalentes em qualquer sociedade e se ocupa basicamente com a substância ou conteúdo do valor (o trabalho) e com a grandeza do valor (o tempo de trabalho despendido), sem se perguntar “por que esse conteúdo assume aquela forma, e, portanto, por que o trabalho se representa no valor, e a medida do trabalho, por meio de sua duração temporal, na grandeza de valor do produto do trabalho?” (Marx 2013: 155). Esta pergunta é a passagem da economia política para sua crítica, pois: “se tal forma é tomada pela forma natural e eterna da produção social, também se perde de vista necessariamente a especificidade não só da forma de valor, como também da forma-mercadoria e, num estágio mais desenvolvido, da forma-dinheiro, da forma-capital etc.” (Marx 2013: 155). Portanto, Marx faz um tipo de investigação que a economia clássica não fez, ao questionar pelos motivos que fazem com que o produto do trabalho humano assuma a forma de mercadoria.

3) Além de perguntar pela forma, há uma alteração importante na substância do valor: não se trata do trabalho, como afirma Ricardo, mas sim do trabalho abstrato. Desta forma, Marx indica para a duplicidade contraditória que constitui a mercadoria: por um lado valor de uso gerado pelo trabalho útil ou concreto, por outro valor criado pelo trabalho abstrato. Esta duplicidade convive de forma antitética, pois embora seja valor e valor de uso concomitantemente a mercadoria só pode

---

<sup>7</sup> Talvez com a exceção das obras de Isaac Rubin, a *Teoria do valor de Marx* (publicada em 1923), e de Roman Rosdolsky, *Gênese e estrutura de O Capital de Karl Marx* (publicada como livro em 1968, a partir de materiais que em boa parte já estavam disponíveis ao público).

expressar um deles a cada vez. “O processo de troca de mercadorias inclui relações contraditórias e mutuamente excludentes. O desenvolvimento da mercadoria não elimina estas contradições, porém cria a forma em que elas podem se mover” (Marx 2013: 179).

4) Enquanto a teoria clássica do valor trabalho alega que o valor é uma propriedade das mercadorias, que em alguma medida portam o trabalho despendido em sua fabricação, Marx afirma que é só na troca que a mercadoria passa a ter valor, e portanto a determinação de valor é desde sempre monetária. Nas palavras de Heinrich:

Dinheiro não é um mero meio útil para simplificar a troca em um nível prático e um apêndice da teoria do valor em um nível teórico. A teoria do valor de Marx é antes uma *teoria monetária do valor*: sem a forma valor, mercadorias não podem ser relacionadas umas com as outras como valores, e só com a forma dinheiro uma forma adequada de valor existe. Concepções de valor ‘substancialistas’, que tentam estabelecer a existência do valor dentro de objetos individuais, são *teorias pré-monetárias do valor* (Heinrich 2012: 63-4).

5) Antes deste trabalho de reconstrução minuciosa da teoria do valor marxiana o veredito de Engels de que o método de Marx era tanto histórico (partindo das formas de manifestação anteriores para as posteriores) quanto lógico (partindo das formas mais simples em direção às mais complexas) não havia sido questionada, embora os marxismos ocidentais tenham reduzido consideravelmente o escopo daquilo que poderia ser apreendido dialeticamente (não mais toda a natureza, mas



agora apenas a história humana).<sup>8</sup> As novas leituras vão atacar os dois flancos, reduzindo ainda mais o escopo da dialética e terminando com esta identidade entre o processo histórico e o processo lógico. Isto é, as categorias mais simples (o valor e a mercadoria) não são historicamente anteriores, ao menos não em suas formas já desenvolvidas, mas apenas as mais elementares. Assim, o tipo de troca analisado nos primeiros capítulos de *O Capital* é a forma mais disseminada de relação social no interior das sociedades capitalistas, e não uma análise das precondições históricas para a aparição deste modo de produção (como sugere Engels, que chega até mesmo a falar de uma “produção simples de mercadorias” no prefácio ao terceiro livro de *O Capital*). Trata-se, portanto, de uma forma de exposição apenas lógica (do mais elementar ao mais complexo), a qual não corresponde ao desenvolvimento histórico do modo de produção capitalista. Além disso, a dialética existente no capital não é uma dialética histórica que lida com a passagem de um modo de produção para outro, como se a contradição fosse a luta de classes tal como entendida no *Manifesto comunista*, mas sim o movimento antitético de valor e valor de uso que gera a lei de movimento do capital. Assim, o que é dialético é o próprio capital, e não a história da humanidade – de modo que outros modos de produção, estáticos ou não contraditórios, ainda que péssimos, como o feudalismo, não precisam de uma dialética

---

<sup>8</sup> Engels trata do caráter lógico e histórico do método dialético em sua resenha de *Para a crítica da economia política*. Sua afirmação de que a dialética é uma lei aplicável ao desenvolvimento da natureza, da sociedade e do pensamento aparece no capítulo “Natureza geral da dialética como ciência” em *A dialética da natureza* (Engels 2000).

para apreendê-los, tampouco geram uma dinâmica que tem autonomia frente aos indivíduos que tomam parte nele.

Em sentido estrito, o termo ‘Nova leitura de Marx’ deve ser utilizado para se referir ao trabalho de reconstrução da teoria marxiana proposta pelos alunos de Adorno em Frankfurt na década de 1960 e desenvolvida nas décadas seguintes. Não obstante, há também um sentido lato do termo, que pode abranger propostas teóricas um pouco distintas. Heinrich, talvez o principal expoente das Novas leituras hoje,<sup>9</sup> defende que a interpretação feita pelo círculo em torno de Althusser tem uma série de semelhanças com a defendida pelos jovens frankfurtianos. Prefiro utilizar a expressão para designar apenas aquelas interpretações que sugerem uma crítica categorial do capitalismo: isto é, uma crítica que afirma que a superação do capitalismo passa, necessariamente, pela abolição de suas categorias principais: o valor (portanto, a mercadoria, o dinheiro e o capital) e o trabalho (compreendido basicamente como atividade heterônoma). Assim, Backhaus, Reichelt e Schmidt estariam no começo de uma tradição que engloba Postone e os teóricos da Crítica do valor, como Robert Kurz, Norbert Trenkle, Roswitha Scholz e Anselm Jappe. Embora existam divergências sérias nas suas leituras da crítica da economia política marxiana, as maiores diferenças nesta tradição estão nos projetos teóricos perseguidos: Backhaus, Reichelt e Schmidt se limitam a um exercício de ‘marxologia’, contentando-se em reconstruir de forma rigorosa a estrutura da argumentação de Marx; Postone busca recons-

---

<sup>9</sup> Utilizo a expressão no singular para falar do sentido estrito, no plural para tratar do sentido lato.

truir também de forma rigorosa a argumentação marxiana, mas para usar esta reconstrução como base de uma teoria crítica capaz de compreender a dinâmica de nossas sociedades (algo no qual, de acordo com ele, teriam fracassado tanto os teóricos da velha teoria crítica quanto Habermas, Honneth e companhia); já a Crítica do valor tenta lidar diretamente com a análise das tendências sociais e econômicas em curso a partir de uma recuperação seletiva de conceitos e argumentos da crítica de Marx. Em todos os casos há um “duplo Marx”, mas em cada um deles uma duplicidade diferente: os alunos de Adorno falam de um Marx esotérico, com rigor conceitual e coerência, e um Marx exotérico, que cedia em termos de rigor teórico em benefício da popularização. Postone fala de um Marx que apreende o cerne da dinâmica capitalista e de outro que analisa a etapa específica que o capitalismo então se encontrava – sua forma “liberal”. Kurz e companhia argumentam que Marx é tanto um crítico do capital que consegue compreender as peculiaridades desta forma muito absurda de civilização quanto um teórico iluminista, crente no progresso e nos benefícios da dominação da natureza. Em todos os casos, o primeiro Marx deve ser resgatado e purificado das confusões do segundo; o primeiro é atual, o segundo obsoleto.

## **Adorno e as novas leituras**

A relação entre Adorno e a Nova leitura de Marx não é evidente. Por um lado, a Nova leitura foi desenvolvida em Frankfurt, na década de 1960, por alunos que estavam direta-

mente sob sua supervisão ou orientação (notadamente: Backhaus, Reichelt e Schmidt), que acompanhavam seus seminários e participavam assiduamente das atividades do Instituto de Pesquisa Social, então dirigido por ele. O vínculo, portanto, não é casual. Por outro, há um relativo silêncio na própria obra adorniana: ele quase não entra em disputas teóricas sobre a exegese de Marx (ou sugerindo explicitamente uma interpretação alternativa) e não indica interesse no trabalho de reconstrução conceitual da crítica da economia política marxiana.

Na parca literatura existente sobre o assunto é comum encontrar afirmações que ressaltam uma afinidade estreita. Vincent, por exemplo, diz que Adorno “sabia que ele estava no processo de preparar uma nova recepção da *oeuvre* de Marx – muito distante das velhas ortodoxias (comunista e socialdemocrata)” (2008: 497); O’Kane, igualmente, afirma que: “Adorno desenvolveu uma interpretação da crítica da economia política na década de 1960 que era distinta do marxismo tradicional, e que foi central para sua teoria crítica desta era” (2018: 289). No entanto, Reichelt faz uma avaliação bastante dura de seus professores:

Em vista desse conceito de objetividade social, como implicado pela exposição categorial, e do fato de a Teoria Crítica até hoje não ter aportado nada de essencial para aclarar a dialética em *O capital*, parece justificar-se a pergunta se as ideias propostas pela Teoria Crítica sobre a relação entre teoria e práxis não continuariam igualmente expostas à crítica marxiana. Em outras palavras: não seria talvez característico da própria Teoria Crítica conseguir formular a teoria dialética apenas como programa e, na investigação material da socie-

dade capitalista (e também na recepção da obra tardia de Marx), assumir simultaneamente uma posição que Marx criticou como a do positivismo opaco para si mesmo? (Reichelt 2013: 27)<sup>10</sup>

Se Reichelt tem razão ao apontar para a leitura muitas vezes superficial feita não apenas por Horkheimer, mas também por Adorno, da crítica marxiana, ele acaba por menosprezar a imensa influência de Adorno na gênese da Nova leitura (que é reconhecida explicitamente por Backhaus (1997), e também por ele (2007) em outros momentos). Por um lado, Adorno, em especial nos textos da década de sessenta, de fato avança em alguns pontos da interpretação da crítica marxiana, indo além dos marxismos ocidentais: 1) Ele argumenta que Marx elabora uma crítica da economia política em vez de uma economia política crítica, e que, portanto, não havia, na obra marxiana, uma teoria sobre como deveria ser uma economia sã, mas apenas uma análise de uma forma econômica específica, o capitalismo; e isto está diretamente associado à recusa adorniana de conceber a dialética ou a obra de Marx como uma doutrina, um sistema, uma visão de mundo (Adorno 1997); 2) Ele concebe a

<sup>10</sup> Em outro texto ele é ainda mais ácido: “A preocupação com problemas da análise do capital começou relativamente cedo. Nós queríamos saber em primeiro lugar o que realmente era ‘reificação’. Neste momento, metade dos anos sessenta, nós atormentávamos sistematicamente Horkheimer com estas coisas. Queríamos saber como isto era interpretado na estrutura da teoria frankfurtiana – uma vez que a teoria frankfurtiana era construída explicitamente sobre ela – e descobrimos, depois de tudo, que após três longas sentenças longos silêncios se estabeleciam, e que basicamente havia muito pouco para aprender com estes teóricos”, para logo depois comentar que “notamos que Adorno levantava os ouvidos quando éramos confrontados com estas questões. Assim que ele ouvia formulações explicitamente dialéticas, como podem ser encontradas em quase cada página dos *Grundrisse*, ele desenvolvia certo gosto pela coisa, mas provavelmente era demasiado velho para levar isto adiante” (Reichelt 1982: 166).

dialética em termos não-ontológicos, distinguindo-se assim tanto de Hegel quanto de Engels, e aproximando-se do uso da dialética do Marx tardio (de forma que a dialética deixa de ser a forma de apreender os objetos em geral, uma teoria geral do movimento, para passar a ser a análise dos objetos contraditórios, que são historicamente determinados e que estão diretamente relacionados com a socialização capitalista); assim a dialética se converte em teoria crítica da sociedade, em crítica do existente, na medida em que apreende a contradição que dá origem à dinâmica, ao movimento da sociedade capitalista;<sup>11</sup> 3) Sua concepção de sociedade e de totalidade vinculada a ideia de umnexo ou laço que é estabelecido pela troca mercantil, e que se autonomiza e se desenvolve às costas dos indivíduos viventes, criando uma dinâmica que os controla em vez de ser por eles controlado;<sup>12</sup> 4) Sua visão sobre o trabalho é inteiramente crítica: Adorno acusa o marxismo ocidental de idealismo por causa da tradução do conceito de espírito por trabalho social e pensa a emancipação como libertação do trabalho;<sup>13</sup> e, por fim, 5) Sua interlocução com Alfred Sohn-Rethel o conduz a uma

---

<sup>11</sup> “A crítica à ontologia não tem por meta nenhuma outra ontologia, nem mesmo uma ontologia do não-ontológico” (Adorno 2009: 120), “a dialética negativa (...) é essencialmente idêntica à teoria crítica” (Adorno 2003: 37).

<sup>12</sup> “O primário é o lucro. (...) Na redução dos homens a agentes e suportes do intercâmbio de mercadorias e oculta a dominação dos homens sobre os homens. Isto segue sendo verdade apesar de todas as dificuldades com as que entretanto se viram confrontadas algumas categorias da crítica da economia política. A estrutura total da sociedade tem a forma pela qual todos tem de submeter-se à lei de intercâmbio se não quiserem sucumbir, não importa se subjetivamente se veem guiados ou não por um ‘estímulo de lucro’.” (Adorno 1979: 13-4).

<sup>13</sup> “A absolutização do trabalho é a absolutização da relação de classes: uma humanidade livre do trabalho seria uma humanidade livre da dominação” (Adorno 2013: 101).

série de questionamentos sobre a teoria do valor e do fetichismo da mercadoria e as implicações sociais e epistêmicas do processo de abstração real existente na troca de equivalentes (que ocorreria igualmente na apreensão conceitual, donde o protoparentesco entre valor e princípio de identidade).<sup>14</sup> Não obstante, a ausência de uma análise mais detida justamente sobre os pontos da reconstrução levada a cabo por seus alunos conduz Adorno a um impasse. Nas palavras de Reichelt:

Deste modo se chega a uma dialética da própria Teoria Crítica: a confrontação com a forma valor e dinheiro, que Adorno qualificou pouco antes de sua morte como os “bens mais sagrados” da Teoria Crítica e cuja “análise enciclopédica” recomendou, conduz a um conceito de teoria que já não coincide com a interpretação de Marx realizada por Adorno e com sua autocompreensão. (Reichelt 2007: 161)

Impasse este que faz a interpretação de Adorno ficar além dos marxismos ocidentais, mas aquém da crítica categorial, uma vez que o próprio Adorno se contradiz ora defendendo a supressão do valor, ora acreditando em uma troca de equivalentes justa, na qual não haveria obtenção de mais-valor (e que vai resultar também em confusões do outro lado do protoparentesco, em que a abolição da identidade convive com a ideia de identidade racional).<sup>15</sup> Ainda assim, há um elemento externo às querelas exegéticas no pensamento adorniano que é crucial

<sup>14</sup> “O princípio de troca, a redução do trabalho humano ao conceito universal abstrato do tempo médio de trabalho, é originariamente aparentado com o princípio de identificação. Esse princípio tem na troca o seu modelo social, e a troca não existiria sem esse princípio; por meio da troca, os seres singulares não-idênticos se tornam comensuráveis com o desempenho, idênticos a ele. A difusão do princípio transforma o mundo todo em algo idêntico, em totalidade.” (Adorno 2009: 128).

para o surgimento das Novas leituras: a tese da integração do proletariado faz com que a crítica do capitalismo se descole do movimento operário, com que o conflito entre capital e trabalho seja visto como aquilo que ele realmente é: parte integrante da dinâmica capitalista e não como um antagonismo no qual um lado representa a dominação e o outro a libertação dela.<sup>16</sup>

### Situação aporética

Do encontro de uma leitura renovada e bastante peculiar da crítica à economia política marxiana com a análise das tendências sociais em curso que mostrava a integração do proletariado e a concentração do poder político e econômico surge a percepção do fracasso do anticapitalismo predominante até então: um anticapitalismo baseado no movimento operário, na crítica da exploração do trabalho, na confiança de que o aumento da consciência de classe faria com que os trabalhadores, ao fim e ao cabo, tomariam os meios de produção. Ao notar que este modelo de anticapitalismo estava fadado ao insucesso, Adorno faz parte do esforço de repensar uma nova forma de anticapitalismo, não mais centrada no trabalho. Esforço que será desenvolvido posteriormente pelas Novas leituras de Marx, e que receberá contribuições de outras correntes teóricas

---

<sup>15</sup> Eu recupero as passagens contraditórias de Adorno em Fleck 2015: 127-133. Luiz Philipe de Caux sugere que isto configura um “duplo Adorno” (Caux 2019: 280-295). Daniel Pucciarelli analisa em pormenores a ideia de protoparentesco (Pucciarelli: 2019: 100-124).

<sup>16</sup> Analiso o diagnóstico de Adorno quanto à integração do proletariado e à intensificação da dominação em Fleck 2017: 471-475.



(inclusive de correntes que não reivindicam o legado da crítica marxiana).

Nesta situação, em que o anticapitalismo anterior apresentou os sinais de fadiga e o posterior ainda está por fazer, Adorno persiste num impasse que tem suas ambivalências. Por um lado, ele não abandona (como sugere Jay e Habermas) a crítica da economia política em prol de uma crítica da civilização, mas passa a compreender de outro modo o capitalismo: não mais apenas como um modo de produção baseado na exploração do trabalho, na obtenção do mais-valor, mas como uma civilização bastante singular que converte tudo em valor e mercadoria, e cuja única atividade estimada é a do trabalho produtor de valor e mercadoria, e que, por conseguinte, tem na produção de cada vez mais valor seu objetivo, em vez de organizar sua produção para a satisfação de necessidades, de desejos, ou na redução do sofrimento. Não se trata de criticar a civilização em geral, erigindo por ideal prescritivo uma situação anterior a qualquer forma de dominação da natureza, por exemplo, ou a qualquer forma de repressão dos instintos ou pulsões. Muito pelo contrário, trata-se de criticar esta civilização que tem início no limiar da modernidade com base em potencialidades surgidas nela.

É mais simples imaginar a superação do capitalismo pela abolição da exploração do trabalho do que pela própria abolição da categoria trabalho, assim como é mais fácil fantasiar uma distribuição igualitária de mercadorias do que a supressão delas. A obra tardia de Adorno está no ponto de transição entre uma alternativa e outra, por isso há passagens que soam como

crítica categorial, outras em que reverbera alguma variação dos marxismos ocidentais. Ainda assim, neste esforço de renovação a obra tardia de Adorno se destaca justamente por um dos traços marcantes da crítica categorial: a percepção de que os danos ocorridos no capitalismo não serão revertidos por decreto, de que a lacuna entre o desejo por emancipação e sua realização é um abismo difícilimo de transpor. Parece-me ser esta uma tentativa bem mais fecunda para nossos tempos do que a interpretação que vê nele um leninista complexado incapaz de compreender a situação na qual estava encurralado, a qual já era muito ruim e que desde então só piorou. Os marxismos ocidentais e a crítica categorial concordam que a vida no capitalismo não é boa, o que a crítica categorial acrescenta é que a vida nos escombros do capitalismo pode não ser melhor: que em seus momentos finais o capitalismo transforme o que resta em terra arrasada era algo impensável no século XIX e boa parte do XX. Para a descoberta desta possibilidade Adorno foi decisivo.

*Recebido em 21/10/2019, aprovado em 20/01/2020 e publicado em 13/03/2020.*

## **Referências bibliográficas**

ADORNO, Theodor W. “Gesellschaft”. In: *Gesammelte Schriften*. Volume 8: Soziologische Schriften I. Frankfurt am Main: Suhrkamp Verlag, 1979, p. 09-19.

- ADORNO, Theodor. *Vorlesung über Negative Dialektik*. Frankfurt am Main: Suhrkamp Verlag, 2003.
- ADORNO, Theodor W. *Introdução à sociologia*. Trad. Wolfgang Leo Maar. São Paulo: Editora da Unesp, 2008.
- ADORNO, Theodor W. *Dialética Negativa*. Trad. Marco Antonio Casanova. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.
- ADORNO, Theodor W. *Três estudos sobre Hegel*. Trad. Ulisses Razzante Vaccari. São Paulo: Editora da Unesp, 2013.
- BACKHAUS, Hang-Georg. “On the dialectics of value-form”. *Thesis Eleven*, n. 1, p. 99-120, 1980.
- BACKHAUS, Hans-Georg. “Zuvor: Die Anfänge der neuen Marx-Lektüre”. In: BACKHAUS, Hans-Georg. *Dialektik der Wertform*. Freiburg: Ça Ira Verlag, 1997, p. 9-40.
- BACKHAUS, Hans-Georg. “Theodor W. Adorno über Marx und die Grundbegriffe der soziologischen Theorie”. In: BACKHAUS, Hans-Georg. *Dialektik der Wertform*. Freiburg: Ça Ira Verlag, 1997, p. 501-513.
- BELLOFIORE, Riccardo e REDOLFI RIVA, Tommaso. “The Neue Marx-Lektüre. Putting the critique of political economy back into the critique of society”. *Radical Philosophy*, n. 189, p. 24-36, 2015.
- BELLOFIORE, Riccardo e REDOLFI RIVA, Tommaso. “Hans-Georg Backhaus: The Critique of Premonetary Theories of Value and the Perverted Forms of Economic Reality”. In: BEST, Beverley; BONEFELD, Werner e O’Kane, Chris. *The SAGE Handbook of Frankfurt School Critical Theory*. Volume 1. SAGE, 2018, p. 386-401.
- BRAUNSTEIN, Dirk. *Adornos Kritik der politischen Ökonomie*. Bielefeld: Transkript, 2011.

- DE CAUX, Luiz Philipe. *A imanência da crítica: estudo sobre os sentidos da crítica na tradição frankfurtiana*. Tese (Doutorado em Filosofia). Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte: 2019.
- ELBE, Ingo. *Marx im Westen: Die neue Marx-Lektüre in der Bundesrepublik seit 1965*. De Gruyter Akademie Forschung, 2010.
- ELBE, Ingo. Between Marx, Marxism, and Marxisms – Ways of Reading Marx’s Theory. *View Point Magazine*, 21/10/2013. <<https://www.viewpointmag.com/2013/10/21/between-marx-marxism-and-marxisms-ways-of-reading-marxs-theory/>> Acessado em: out. 2019.
- ENGELS, Friedrich. *A dialética da natureza*. Col. Pensamento Crítico, vol. 8. 6ª ed. Rio de Janeiro; Paz e Terra, 2000.
- FLECK, Amaro. “Necessária, mas não suficiente: sobre a função da crítica da economia na teoria crítica tardia de Theodor W. Adorno”. *Cadernos de Filosofia Alemã*, vol. 21, p. 13-29, 2016.
- FLECK, Amaro. “Resignação? Práxis e Política na teoria crítica tardia de Theodor W. Adorno”. *Kriterion*, n. 138, p. 467-490, 2017.
- FLECK, Amaro. *Theodor W. Adorno: um crítico na era dourada do capitalismo*. Tese (Doutorado em Filosofia). Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2019.
- HABERMAS, Jürgen. *Teoria do agir comunicativo*. Trad. Paulo Astor Soethe (Tomo I) e Flávio Beno Siebeneichler (Tomo II). São Paulo: Martins Fontes, 2012.

HEINRICH, Michael. *¿Como leer el Capital de Marx?* Madrid: Escolar y Maio Editores, 2011.

HEINRICH, Michael. *An introduction to the three volumes of Karl Marx's Capital*. New York: Monthly Review Press, 2012.

HULLOT-KENTOR, Robert. "Back to Adorno". *Telos*, n. 81, p. 5-29, 1989.

JAY, Martin. *A imaginação dialética*. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 2008.

MAISO, Jordi. *Elementos para la reapropiación de la Teoría Crítica de Theodor W. Adorno*. Salamanca: Ediciones Universidad de Salamanca, 2010.

MARX, Karl. *O Capital*. São Paulo: Boitempo, 2012.

O'KANE, Chris. "Society maintains itself despite all the catastrophes that may eventuate': Critical theory, negative totality, and crisis". *Constellations*, Vol. 25, Issue 2, p. 287-301, 2018.

PUCCIARELLI, Daniel. *Materialismus und Kritik: Konzept, Aussichten und Grenzen des Materialismus im Ausgang von der Negativen Dialektik Theodor W. Adornos*. Würzburg: Königshausen u. Neumann, 2019.

REICHELTL, Helmut. "From the Frankfurt School to Value-Form Analysis". *Thesis Eleven*, Vol. 4, p. 166-169, 1982.

REICHELTL, Helmut. *Sobre a estrutura lógica do conceito de capital em Karl Marx*. Trad. Nélio Schneider. Campinas: Editora da UNICAMP, 2013.

REICHELTL, Helmut. "La teoría crítica como programa de una nueva lectura de Marx". *Constelaciones*, p. 146-161, número 8/9, 2017.

- SAFATLE, Vladimir. *Dar corpo ao impossível: o sentido da dialética a partir de Theodor W. Adorno*. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.
- VINCENT, Jean-Marie. “Adorno and Marx”. In: BIDET, Jacques e KOUVELAKIS, Stathis. *Critical Companion to Contemporary Marxism*. Leiden, Boston: Brill, 2008, p. 489-502.
- ZANOTTI, Giovanni. “Estado e filosofia: sobre as origens da dialética negativa”. In: SOUZA, Ricardo Timm (et alli.). *Theodor W. Adorno: a atualidade da crítica*. Vol. 2. Porto Alegre: Editora Fi, 2017, p. 207-230.